

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina



Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas  
ciências humanas 1 [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-304-0

DOI 10.22533/at.ed.040201908

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.  
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o diálogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MOBILIZAÇÃO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS ESCOLARES	
Débora Paula Martins da Silva Lenise Patricia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A PSICOPEDAGOGIA E A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Nivaldo Emídio Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS ENTRE 2015 E 2018	
Karolina da Silva Riquelme Flavinês Rebolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO	
Vitor Vinícios da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
ESCREVENDO A DANÇA: MEMÓRIA, ARTE, ENSINO E CIÊNCIA	
Ana Lígia Trindade Patrícia Kayser Vargas Mangan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>42</b>
FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?	
Brasilina Bento da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019086</b>	

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>53</b>
FORMAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES?	
Janaina de Azevedo Corenza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019087</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>65</b>
LEITURA NA ESCOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO	
Rosely Ribeiro Lima	
Valéria Ribeiro Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019088</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>74</b>
MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL	
Maria Augusta de Castilho	
Maria Christina de Lima Félix Santos	
Melly Fátima Góes Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019089</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>85</b>
O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI	
Thais de Sá Gomes Novaes	
Letícia Maria Montoia Gonçalves	
Letícia Busquim Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190810</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>91</b>
PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA	
Talita Maria Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190811</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>102</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL	
Taiani Vicentini	
Adolfo Ramos Lamar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190812</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>110</b>
<b>VOZES EM DISPUTA: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E PARTICIPAÇÃO</b>	
Suelen Alves dos Santos	
Leônidas Daniel Paulino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190813</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>123</b>

# CAPÍTULO 12

## POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL

*Data de aceite: 01/08/2020*

*Data de submissão: 05/05/2020*

### Taiani Vicentini

Prefeitura Municipal de Brusque - Professora  
de Anos Iniciais  
Brusque - SC  
<http://lattes.cnpq.br/5661612314472017>

### Adolfo Ramos Lamar

Universidade Regional de Blumenau - FURB  
Blumenau - SC  
<http://lattes.cnpq.br/2295885579063119>

**RESUMO** O presente trabalho tem como tema as políticas educacionais e os pressupostos teóricos de Stephen Ball, pois o currículo é um campo em ascensão nas pesquisas educacionais devido à recente demanda de reformas político curriculares. Nesse sentido, o objetivo deste artigo foi de abordar alguns possíveis desdobramentos de ideias epistemológicas na abordagem das políticas curriculares. Os pressupostos teóricos de Stephen Ball foram apresentados por meio de entrevistas cedidas por ele aos pesquisadores Mainardes e Marcondes (2009); Mainardes (2015) e Rosa (2013) e, além disso, foram utilizadas algumas obras do próprio Stephen Ball (1994; 2001; 2002; 2006) e de seu parceiro Mainardes (2006). Para cumprir com o objetivo, o presente estudo se constituiu de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental. Ball elaborou um método de análise das políticas educacionais baseado em pressupostos epistemológicos profundos que visam reflexões que ultrapassam aspectos

simplórios. Com isso, Stephen Ball identificou aspectos nas políticas educacionais da Inglaterra que visam cada vez mais uma lógica mercantilizada da educação, um Estado regulador que autoriza o sistema privado a operar nas instituições públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo, Epistemologia Política, Políticas Educacionais, Stephen J. Ball.

### EDUCATIONAL POLICIES AND STEPHEN BALL'S ASSUMPTIONS

**ABSTRACT:** The present work has as its theme the educational policies and theoretical assumptions of Stephen Ball, considering the curriculum is a growing field in educational research due to the recent demand for curricular political reforms. Based on that, the objective of this article was to address some possible developments of epistemological ideas in the approach of curricular policies. We present Stephen Ball's theoretical assumptions through interviews given by him to researchers Mainardes and Marcondes (2009); Mainardes (2015) and Rosa (2013), in addition, the data are composed by some works of Stephen Ball (1994; 2001; 2002; 2006) and Mainardes (2006). To achieve the objective, the present work consisted of a qualitative research of bibliographic and documentary nature. Ball developed a method of analyzing educational policies based on deep epistemological assumptions that aim at reflections that go beyond simple aspects. From that, Stephen Ball identified aspects in the educational policies of England that increasingly aim at a commercialized logic of education, a regulatory state that authorizes the private system to operate in public institutions.



**KEYWORDS:** Curriculum, Political epistemology, Educational Policies, Stephen J. Ball.

## 1 | INTRODUÇÃO

O currículo é um campo em ascensão nas pesquisas em Educação devido à recente demanda de reformas políticas curriculares. Compreendendo o currículo como documento político, em que seleciona determinados conteúdos para permearem o processo escolar, este não sai ileso das concepções epistemológicas que perpassam o processo de elaboração das políticas educacionais.

Com o intuito de abordar a problemática epistemológica do currículo, foi utilizado como referencial teórico o autor Ball (1994; 2001; 2002; 2006), tendo em vista a visibilidade que suas discussões sobre Epistemologia Política receberam nos últimos anos. Stephen J. Ball é um professor e pesquisador que investiga as origens, desdobramentos e os efeitos das reformas educacionais (ROSA, 2013). Ele se dedicou com mais afinco às reformas ocorridas na Inglaterra, mas suas considerações permitem, também, a investigação das políticas educacionais curriculares brasileiras.

Ball, em conjunto com colaboradores (BOWE; BALL; GOLD, 1992; BALL, 1994), criou o ciclo de políticas, sendo este um instrumento de análise das políticas educacionais. Vale salientar que o uso do termo 'ciclo de políticas' não foi criado pelos referidos autores. O ciclo proposto por Ball (1992) se apresenta de forma dinâmica e flexível para compreender os movimentos das políticas educacionais. A partir desse método de análise, ele evidenciou, em suas obras, aspectos das políticas educacionais da Inglaterra. Ball, na entrevista cedida à Mainardes (2015), deixa claro que a teoria se faz extremamente importante para a análise das políticas educacionais e por isso, apresenta os termos Epistemologia Profunda e Epistemologia de Superfície (BALL, 2006; apud MAINARDES, 2015) para se referir à análise das políticas educacionais. É perceptível que a Epistemologia Profunda se faz presente no ciclo de políticas.

Frente a isso, o objetivo do trabalho é de abordar alguns possíveis desdobramentos de ideias epistemológicas na abordagem das políticas curriculares. Os pressupostos teóricos de Stephen Ball foram apresentados por meio de entrevistas cedidas por ele aos pesquisadores Mainardes e Marcondes (2009); Mainardes (2015) e Rosa (2013). Além disso, foram utilizadas obras do próprio Stephen Ball (1994; 2001; 2002) e de seu parceiro Mainardes (2006). Para cumprir com o objetivo, o presente trabalho se constituiu de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental.

Desse modo, foi apresentada, inicialmente, a introdução deste estudo. Na sequência, desdobra-se a fundamentação teórica, dividida em três partes: a primeira diz respeito aos conceitos epistemológicos apresentados por Stephen Ball; a segunda conceitua e explica o ciclo de políticas e como este representa um possível instrumento de análise das políticas curriculares; a terceira parte evidencia aspectos descobertos por ele na análise das políticas educacionais tendo como instrumento o ciclo de políticas. Tais aspectos demandam preocupação, pois mostram que a concepção de educação está sendo transformada. Por fim, são tecidas as considerações finais do artigo, com o intuito de proporcionar reflexão sobre os pressupostos teóricos de Stephen Ball e os aspectos identificados por ele sobre as políticas educacionais nas reformas políticas curriculares no Brasil.

## 2 | QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DA POLÍTICA EDUCACIONAL

Stephen Ball, em uma entrevista cedida à Mainardes (2015), evidenciou que os estudos epistemológicos são cada vez mais importantes. É preciso teoria de melhor qualidade. Quando a análise de políticas carece de teoria, isso significa que existem, nessa análise, pressupostos implícitos sobre como o mundo funciona, sobre o que é política, sobre o trabalho de quem formulou as políticas e sobre os processos políticos. Desse modo, esses aspectos não são discutidos e perpassam por um simples positivismo e uma ingenuidade, causando distorções na forma como as pessoas pensam sobre a pesquisa em política.

Ball (2006) estabelece dois tipos de Epistemologia, a Epistemologia Profunda e a Epistemologia de Superfície. Na entrevista à Mainardes (2015), Ball discorre sobre esses conceitos, elucidando que a Epistemologia Profunda está ligada a política como um processo social, relacional, temporal, discursivo. Um processo revestido de relações de poder. A Epistemologia Profunda se envolve com esses problemas e com questões como base para um processo de política da interpretação. A Epistemologia da Superfície realiza apenas um conjunto de reflexões relativamente mundanas sobre o acesso a dados e a validação do entrevistado, por exemplo.

Ball na entrevista cedida a Mainardes (2015) ao se referir a Epistemologia, reflete, também, sobre os três períodos epistêmicos de Foucault e afirma que, possivelmente, estejamos vivendo um quarto período epistêmico. Uma episteme neoliberal que pressupõe certas premissas sobre a verdade, premissas que se referem ao funcionamento do mercado, ou seja, à concorrência, escolha, investimento e responsabilidade, produtividade e eficiência. Tal afirmação se dá por conta dos aspectos identificados por Ball (2001; 2002) em suas pesquisas desenvolvidas na Inglaterra, que evidencia, cada vez mais, a educação como um processo mercadológico.

## 3 | STEPHEN J. BALL E O CICLO DE POLÍTICAS

O ciclo de políticas tem uma orientação pós-moderna e destaca a natureza complexa e controversa da política educacional (MAINARDES, 2006). O ciclo de políticas (BALL; BOWE; GOLD, 1992) contempla os processos micro políticos e a articulação dos processos micro e macro na análise das políticas educacionais e, por isso, é dinâmico e flexível. Inicialmente, o ciclo de políticas contemplava três contextos: o contexto de influência, o contexto da produção de texto e o contexto da prática. Alguns anos depois, Ball (1994) acrescentou mais dois contextos ao ciclo, sendo eles o contexto dos resultados ou efeitos e o contexto de estratégia política.

O contexto de influência é atrelado com interesses mais escritos e ideologias dogmáticas. É nesse contexto que as políticas são iniciadas e os discursos políticos são construídos, existindo grupos de interesse que disputam a influência na definição das finalidades sociais da educação e do que significa ser educado. Os conceitos que adquirem legitimidade formam um discurso de base para as políticas. O discurso que está em formação por vezes recebe apoio, outras vezes é desafiado por argumentos mais amplos que estão exercendo influência nas arenas públicas de ação.

Esses argumentos que influenciam as políticas nacionais se originam dos contextos globais e internacionais e podem ocorrer de duas maneiras: a primeira maneira é pelo fluxo

de ideias relacionadas (ou que dizem respeito) às redes políticas e sociais que envolvem a circulação internacional de ideias pelo empréstimo de políticas e por grupos que vendem as suas soluções no mercado político acadêmico por meio de periódicos e livros. A segunda forma de influência ocorre pelo patrocínio, que é a imposição de algumas soluções oferecidas e recomendadas por agências multilaterais, como o Banco Mundial (BM), a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Essas agências influenciam o processo de criação de políticas nacionais, mas essa influência é reinterpretada pelo Estado-nação (MAINARDES, 2006).

Na entrevista cedida a Mainardes e Marcondes (2009), Ball explica que esse mercado político serve, ainda, para disciplinar a pesquisa, pois os pesquisadores orientam suas pesquisas às problemáticas evidenciadas pelo governo para facilitar o financiamento destas. Com isso, se distanciam da pesquisa certas questões, tópicos e vozes.

O segundo contexto é o da produção de texto, onde os textos políticos estão articulados com a linguagem do interesse mais geral. Os textos políticos representam a política. Essas representações podem tomar várias formas, como por exemplo, textos legais oficiais e/ou comentários formais ou informais sobre textos oficiais. Apesar disso, as políticas não são finalizadas no legislativo, os textos precisam ser lidos com relação ao tempo e ao local de sua produção. Esses textos resultam de disputas e acordos, pois os grupos que atuam dentro dos diferentes lugares da produção competem para controlar as representações políticas. As políticas são intervenções sociais, mas carregam limitações materiais e possibilidades (MAINARDES, 2006). Vale salientar, aqui, que os pressupostos deste segundo contexto já elucidam mais claramente os argumentos de Stephen Ball no que diz respeito aos termos implantação e atuação das políticas educacionais que se relacionam com consequências reais vivenciados no terceiro contexto.

O terceiro contexto é o da prática. Esse é o lugar onde a política está sujeita a interpretação e recriação, onde a política produz efeitos e consequências que podem representar mudanças e transformações significativas na política original. Com isso, Stephen Ball, na entrevista à Mainardes e Marcondes (2009, p. 305), deixa claro o que ele quer:

rejeitar completamente a ideia de que as políticas são implementadas. Eu não acredito que políticas sejam implementadas, pois isso sugere um processo linear pelo qual elas se movimentam em direção a prática de maneira direta. Este é um uso descuidado e impensado do verbo.

Para Stephen Ball (apud MAINARDES; MARCONDES, 2009, p. 305), as políticas não são implementadas. O autor usa o termo atuação ou encenação de políticas, pois, para ele, “a pessoa que põe em prática as políticas tem que converter/transformar [...] entre a modalidade da palavra escrita e da ação [...]. E o que envolve isto é um processo de atuação, a efetivação da política na prática e através da prática”.

O quarto contexto, implementado posteriormente ao ciclo de políticas por Stephen Ball (1994), é o contexto dos resultados ou efeitos. Esse contexto preocupa-se com as questões de igualdades, justiça e liberdade individual, ou seja, nesse contexto as políticas deveriam ser analisadas em termos do seu impacto e das interações com desigualdades existentes.

O último contexto, denominado de contexto da estratégia política, diz respeito a identificação de um conjunto de atividades sociais e políticas que seriam necessárias para lidar com as desigualdades criadas ou reproduzidas pela política investigada (MAINARDES, 2006).

O ciclo de políticas contribui para a análise das reformas políticas que contemplam alterações correspondentes ao campo do currículo. Como o ciclo é dividido em cinco contextos é possível observar o movimento que ocorre desde a iniciativa de se articular uma reforma até os reais impactos destas e identificação de atividades sociais e políticas para atender as desigualdades criadas pela política investigada.

Utilizando o ciclo, Ball (2001) evidenciou aspectos que merecem reflexões na Inglaterra, mas também em outros países, como o Brasil, pois com a crescente globalização há uma convergência e/ou transferência de políticas, desaparecendo de forma gradual a concepção de políticas específicas do Estado-nação.

#### **4 | REFLEXÕES ACERCA DAS REFORMAS POLÍTICAS NACIONAIS**

Em suas vastas pesquisas na Inglaterra, tendo por instrumento de análise o ciclo de políticas, Ball (2001; 2002) identificou aspectos que evidenciam um abandono dos propósitos sociais da educação, ou seja, um economicismo. As políticas nacionais são resultado de um empréstimo e cópia de fragmentos de outros contextos e, por isso, são frágeis, pois são consequência de uma ligação de influências e interdependências transformando-se numa hibridização, combinando aspectos globais, distantes e locais.

Ball (2001) se preocupou, também, com a denominada unidade articulada inserida na educação, no setor público e em estratégias de reformas genéricas que produzem e promovem novos valores, relações e subjetividades na prática. Segundo ele, essa unidade articulada deve ser questionada no que diz respeito às suas inter-relações e aos efeitos políticos e subjetivos criados ao longo do tempo. Se baseando nisso, Ball (2001) realiza duas afirmações: A primeira delas é de que em nível micro, as novas políticas têm produzido novas formas de disciplina. A segunda é de que, em nível macro, as disciplinas geram um novo pacto com Estado e o Capital.

Ball (2001) evidencia que instituições como a OCDE tem influenciado cada vez mais um novo paradigma de reformas educacionais pautados em uma nova relação entre o Estado e o Capital, sendo que existem três tecnologias políticas, ou seja, três elementos chaves para este novo paradigma: o mercado, a gestão e a performatividade. Essas tecnologias políticas são mecanismos que contribuem, ainda, para reformar professores e mudar o que significa ser professor. De acordo com Ball (2002) a reforma muda a identidade social.

As reformas são consideradas por Ball (2002) como uma epidemia política sustentada por instituições como o Banco Mundial e a OCDE. As reformas baseadas na nova relação Estado-Capital trazem consigo novos valores e culturas. A cultura estabelecida é orientada para o desempenho competitivo, gerando uma nova configuração institucional. As instituições educativas se assemelham à forma de mercado e, com isso, as motivações pessoais sobressaem aos valores impessoais, pois os procedimentos de motivação fundamentam o comportamento competitivo e a luta pela vantagem. Essa nova organização é marcada pelo apelo ao pragmatismo, pois tenta adaptar os valores do mercado em ações e práticas. Nesse contexto o estudante é, cada vez mais, mercantilizado e avaliado de uma

forma diferente no mercado educacional (BALL, 2001).

A gestão passa de estruturas centralizadas e hierarquizadas para ambientes de gestão descentralizada e permitem a criação de condições para um *feedback* dos clientes e de outros grupos de interesse, o envolvimento de objetivos de produtividade e a criação de ambientes competitivos dentro e entre as organizações do setor público. A gestão pública se torna cheia de recursos humanos que precisam ser geridos e a aprendizagem se torna um produto final de políticas custo-eficazes. Com isso, o Estado não abandona os seus mecanismos de controle, mas estabelece novas formas de controle (BALL, 2001). A gestão, aparentemente, parece ter maior liberdade para agir, mas o Estado promove um descontrole regulado estabelecendo um conjunto regulador que mistura elementos físicos, textuais e morais, que tornam possível governar de uma forma mais liberal e avançada (BALL, 2002).

Ball (2001) define a performatividade usando o conceito de Lyotard (1984 apud BALL, 2001), como sendo um sistema de terror que emprega julgamentos, comparações e exposição como forma de controle, atrição e mudança. É uma forma de medir o desempenho dos indivíduos ou organizações e representa a qualidade e os valores destes num campo de avaliação. A performatividade não estabelece a certeza de ser sempre vigiado, mas sim, a incerteza e a instabilidade de ser avaliado de diferentes maneiras, por diferentes meios e por distintos agentes.

Essas tecnologias políticas permitem novas formas de interação, novas identidades e novos valores estabelecendo novas formas de disciplina que contemplam a competição, eficiência e produtividade. São introduzidos, ainda, novos sistemas éticos baseados no auto interesse institucional, pragmatismo e valor performativo. O trabalho de gestor passa a ser o de instigar a atitude segundo a qual o trabalhador se sente responsável e comprometido na organização. Essa situação condiz com novas pedagogias de gestão que são invisíveis na prática, mas percebidas pelas avaliações (BALL, 2002).

Nas organizações performativas, o poder é instituído pelos dados de avaliações, revisão anual, relatórios, candidatura de promoções. Não é estabelecida uma estrutura de vigilância, mas um fluxo de performatividades. O fluxo estabelece diferentes modos de julgamento e a estabilidade por parte de quem é avaliado é cada vez mais ilusória. Desse modo, o professor que consegue atender a essa demanda é um professor reformado que não consegue relacionar a prática com princípios filosóficos (BALL, 2002).

Nessa fase neoliberal, a privatização bate, cada vez mais, na porta da educação pública. O Estado produz relações de mercado e nelas o setor privado consegue desenvolver atividades lucrativas na execução e gestão de serviços públicos. Com isso, ocorre a mercantilização da educação mudando o que significa ser educado e o que significa ser professor. As empresas estão apenas interessadas em vender suas ideias no mercado global de políticas educacionais (BALL apud ROSA, 2013).

As reformas políticas são sempre pensadas para as melhores escolas possíveis, não levando em consideração os diferentes contextos. Isso faz com que o processo de atuação e/ou representação das políticas seja diferente. As políticas desaparecem ao longo de tempo e, algumas vezes, leva-se muito tempo para que elas cheguem a se tornarem integradas, as vezes elas são atrasadas ou apressadas (BALL apud MAINARDES; MARCONDES, 2009).

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do referido trabalho foi de discutir alguns possíveis desdobramentos de ideias epistemológicas na abordagem das políticas curriculares. Por meio da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental, são tecidas as considerações finais desse estudo, no intuito de elucidar a reflexão proposta pela obra de Stephen Ball no Brasil, pois cada vez mais há uma transferência de políticas devido à globalização e se tende a uma hibridização das políticas. Ou seja, políticas implantadas na Inglaterra, ou em qualquer outro lugar, podem, e são, usadas como base e/ou argumentos para reformas aqui no Brasil.

O ciclo de políticas não é um processo descritivo das políticas e dos processos de elaboração, mas é um instrumento de análise com uma Epistemologia Profunda que visa pensar de uma maneira diferente as políticas educacionais, preocupando-se com os discursos, as relações de poder, relações sociais e temporais, subjetividades e verdades. Esses pressupostos devem estar presentes em toda e qualquer análise de políticas educacionais, incluindo aqui aquelas que são especificadamente ao currículo, pois uma análise que se preocupa com tais aspectos permite que se identifique pretensões com a implantação de novas reformas curriculares.

Tanto o ciclo de políticas, quanto os aspectos identificados por Ball em suas pesquisas, são aportes importantes para se pensar as reformas políticas curriculares. O ciclo se faz importante enquanto instrumento e os aspectos identificados enquanto meio de reflexão para os verdadeiros objetivos por de traz de qualquer reforma.

## REFERÊNCIAS

BALL, S. J. **Education Reform: a critical and post-structural approach**. Buckingham: Open University Press. 1994.

BALL, S. J. Diretrizes Políticas Globais e Relações Políticas Locais em Educação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 99-116, jul/dez. 2001.

BALL, S. J. Reformar escolas/reformar professores e os terrores da performatividade. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 15, n.2, p. 03-23. 2002.

BALL, S. J. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n.2 p. 10-32. 2006.

BOWE, R.; BALL, S.; GOLD, A. **Reforming education & changing schools: case studies in Policy Sociology**. London: Routledge, 1992.

MAINARDES, J. Abordagem do Ciclo de Políticas: uma Contribuição para a análise de Políticas Educacionais. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006  
Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 30 de junho de 2018.

MAINARDES, J. Entrevista com o Professor Stephen J. Ball. **Olhares**, Guarulhos, vol. 3, n 2, p. 161-171, nov. 2015.



MAINARDES, J.; MARCONDES, M. I. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e Política Educacional. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 106, p. 303-318, jan./abr. 2009 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 30 de junho de 2018.

ROSA, S. S. da.; Entrevista com Stephen J. Ball Privatizações da educação e novas subjetividades: contornos e desdobramentos das políticas (pós) neoliberais **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 53, abr./jun. 2013.

## ÍNDICE

### A

Aluno 19, 20, 22, 23, 25, 77, 92

Antropologia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 68, 112

### B

Bem-Estar Docente 28, 29

### C

Comunidade 14, 16, 17, 18, 39, 43, 46, 72, 73, 90, 91, 94, 103, 106, 108, 109, 122, 125, 127, 128

Conhecimentos Artesanais 103, 106, 110

Conselho 13, 18, 67, 89, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Conselho Escolar 13, 14, 15, 16, 17, 18

Currículo 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 114, 115, 118, 120

### D

Dança 48, 49, 50, 51, 52, 53

### E

Educação 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino Formal/Informal 48

Epistemologia Política 114, 115

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 107, 131, 132

Estado do Conhecimento 28, 29, 38

Estágio Supervisionado 13, 17, 18

### F

Feminismo 54, 55, 60, 61, 63, 64

Filosofia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 54, 55

Formação Continuada 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Formação Docente 34, 65, 75

### G

Gênero 46, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 71, 124

Gestão Democrática 13, 14, 15, 16, 17, 18

### I

Imaginação 97, 98, 99, 100, 101, 102

Infância 25, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109

## **L**

Lei 10.639/2003 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Leitura 52, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 91, 92, 95, 98

Lutas 62, 66, 103, 104, 106, 109, 110, 124, 128, 129, 130, 132

## **M**

Mal-Estar Docente 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37

Memória 48, 49, 50, 52, 53, 74, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 106, 109, 110, 123

Movimentos Sociais Negros 122

Mulheres 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 106, 109, 111

Museu 29, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

## **N**

Neuropsicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **O**

Objeto Museal 86, 91, 92, 93

## **P**

Participação Social 122, 124

Pedagogia 18, 19, 20, 22, 23, 24, 39, 42, 45, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 95, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 112

Pesquisa 15, 17, 18, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 129, 131, 132

Políticas Educacionais 114, 115, 116, 117, 119, 120

Professor 20, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 66, 69, 77, 87, 95, 102, 115, 118, 119, 120

Projeto de Intervenção 13, 15, 17

Psicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **Q**

Quilombolas 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## **R**

Representações Sociais 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

## **S**

Sexismo 54

Stephen J. Ball 114, 115, 116, 120, 121

## T

Teoria Histórico-Cultural 97, 98, 102

Trabalho Docente 28, 30, 31, 38

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 